

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 15 de Maio de 1895.

NUM. 16

XAVIER DE CASTRO

Lugubremmente pesa sobre nós o luto, o véo de uma saudade intensa, a magoa de uma perda irreparavel.

A 30 de abril, no momento mesmo em que saham do prelo as folhas da nossa ultima edição, expirava um dos nossos mais esforçados companheiros de trabalho, o talentoso e estimadissimo poeta Augusto Xavier de Castro.

E, quasi simultaneamente, a população desta cidade lia, nas folhas diarias, a noticia do seu ~~passamento em 'O Pão os scintillantes Chromos~~ ^{passamento}, que tamanha notoriedade e tantas sympathias haviam grangeado ao seu autor.

Para avaliar quanto era estimado, quantas affeições profundas e sinceras contava em todas as classes da sociedade cearense o nosso pranteado collega, e preciso ter-lhe assistido aos derradeiros momentos e ter visto a affluencia que desde que circulou a noticia da gravidade do seu estado concorria á modesta habitação onde agonisava o nosso bom Xavier; e preciso ter visto, como nós vimos, estampada no rosto dos numerosos amigos alli presentes, a emoção intensa, magoa verdadeira, a dor profunda que deixava o seu desaparecimento.

Na Padaria Espiritual deixa elle uma lacuna imprehenchivel. O seu talento firme, a sua palestra, cordial e amena, e seu espirito fino, prompto, jovial, eram um dos maiores attractivos de nossas sessões.

Limitamo-nos hoje a consignar o triste acontecimento, e aguardamo-nos para render mais digna homenagem á sua memoria, consagrando-lhe exclusivamente a nossa proxima edição, no 10.º dia do seu passamento.

EXPLIQUE-SE

Assignamos por este trimestre 23000
Numeros avulsos. 370

Pagamentos adiados.

Por conveniencia de cobrança de-
mos-nos de aceitar assignaturas para o
interior o Estado por menos de um se-
mestre. O preço é porem o mesmo da
capital.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa
o benequiu de declararem a origem
das peças que devessem referer desta
folha.

Toda a correspondencia deve ser
dirigida ao nosso gerente, á rua do
Major Facundo n. 1.

Semanao. — «Xavier de Castro», A
Redação: — «Os quinze dias», B.
J.: — «Sombra e luar», (versos)
Livio Barreto: — «Paginas de um
livro», A. Theophilo: — «Amor»
(soneto), L. Brigid: — «A infancia
out'ora e hoje», (artigo), José
Carlos Junior: — «Lenda», R. de
Azevedo: — «Poe Paars Stavan-
gers», (conto), Bruno Jacy: — «Fe-
liz», (conto), F. Cataento: — «Car-
ta», (quadras), Miguel Barros: —
«Carteira».

Os quinze dias

Vae nos sair taciturno e sombrio a
chronica desta vez.

E como não ser triste o que nos
rabe da penna, quando ventos o logar
vasio de um de nós, que se foi para
não mais voltar?

E não era dos que menos valiam
o bom Xavier de Castro, tão alegre
ainda bonemista prodigalizando as mãos
cheias em nosso pequeno circulo as
salgarções do seu humorismo sci-
tillante, do seu talento vivaz.

Na proxima edição far-lhe-remos a
ultima despedida. Ainda está muito
rocente a dor para que possamos dar
a sua memoria outra conta senão la-
grimas.

Voltamos, porém, á tarefa que nos
incumbe hoje, de fazer a resenha das
occurrências da quinzena.

Do congresso federal não po temos
dizer positivamente que se abriu. En-
tre-abria-se apenas. Unicamente o
necessario para deixar passar a men-
sagem do Presidente da Republica e
uns tantos votos para os Srs. Rosa e
Rios.

A mensagem do Sr. Prudente...

Não se lembram vós de um velho
fuleteiro de Franco Junior, em que o
espiritoso escriptor apreciava a dis-
paridade que se dava entre certos pre-
nomes ou sobrenomes e as pessoas
portadoras desses prenomes ou sobre-
nomes? Dizia elle mais ou menos que
em regra, as Claras são morenas, os
Fortes são doces, os Bravos são os
primeiros a pôr sebo as cancellas em
qualquer sanhilo, e todo Pacifico tem
antes de ferrabraz.

Ipso, si isto é regra, a mensagem
alludida não deixa abrir uma excep-
ção a essa regra.

Mandaram-nos para aqui a sede do
2.º districto militar, isto é—um gene-
ral com o seu estado-maior, um bata-
lhão e uma metralhadora.

Nós não podemos attuar e m a ra-
ção dessa transferencia, mas, em as-
sumptos politicos e administrativos,
já estamos tão acostumados a não at-
tuar, que não ficamos admirados disso.

Sejam porém quaes forem as deter-
minantes de tal medida administrati-
va, bomvidos sejam as plagas ce-
censes o general, seu estado-maior e
o batalhão.

Que a metralhadora nos perdoe!
Desta não podemos dizer outro tanto.
Não lhe achamos graça.

Já nos anda por aqui tão afilada a
fouce da morte, já temos tanta lesão
cardíaca, tanta tuberculose, tanta do-
ença de nomes feios em *u e i e*, mais
ou menos carregados de ypsilon (*eide*
obituario ou discussão de medicos)
que nenhuma falta nos fazia mais esse
instrumento de destruição.

Maior falta sentiamos nós de uma
banda material, como a do 11.º, que se
foi, ou a do 2.º, que veio.

Si oesássemos fazer-lhe um pedido,
rogariamos ao Sr. general que man-
dasse embora a metralhadora e man-
dasse vir mais outra musica.

A gente cá de casa anda quasi to-
da em villegiatura por esses sertões,
comendo queijo fresco e milho verde
e refestellando-se nas delicias da vida
campesina.

E os poucos que ficaram andam por
aqui, Deus sabe como, carregando
com a enorme responsabilidade de
amassar o Pão de hoje (que felicimen-
te não é o de cada dia).

Vae por isso, bem mal amassado,
valha a verdade.

Consolem-se, porém, os leitores
que não tardam por ahí o Moacyr e o
d'Azof, para reassumir as funções
de chronista, dispensando da interini-
dade o insipido

B. J.

SOMBRA E LUAR

Ai, santa! quantos pezares!

Ai, anjo! quanta amargura!

(E a sombra baila nos ares)

E a lua sorri na altura)

Se te ama? Pergunta á lua

Peigna á noite que desce.

(E o luar no céu flueia)

E a sombra desaparece)

Se soffri? Interroga o mar

D'agon que os olhos me ensombra!

(E a sombra cobre o luar)

E o luar chora na sombra.)

Vês o vento?... Arrasca a flor,

Desfolha-a... A magoa é o vento...

(O luar é o resplendor)

Do Deus menino, ao relento.)

Crês? En creio... A noite sonho

Minh'alma com o teu olhar...

(Já não ha sombra que ponha
Prantos na face do luar)

Minh'alma abraça-se á tua...
E a onda abrigando a espuma!

(Os anjos bailam na lua)
E a sombra chora na bruma...)

Seismos?... Canella gelada,
Tua fronte empallidece...

(A' lua,—ostia sagrada)
Eleva a sombra uma prece)

Anas?... Vê: men corcêo
Procura um scio... Tem pena!

(Semelha o luar n'ampidão)
O caliz de uma azevém.)

Mos tu não falas, senhora?...!
Se tu amasses, tules?...!
Em minh'alma brilha a aurora
Nas chagas que o dor lhe fez?...!
E o meu amor vive e chora
Por ti! Que importa! Não crês?...!

(Pelo frio azul a fôr)
Vai o luar... que pallidez!)

Sombra e luar não se embora...
Só fica a tua madeira!...

LIVIO BARRETO

Das Dolentes.

Paginas de um livro

II

O commercio do Piauí central—
ainda um atrazadissimo centro de civi-
lização—é quasi todo feito por nego-
ciantes ambulantes do Ceará, que com
aquelle espirito nomade e mercantil que
lhes é peculiar, sabem auferir lucros
prodigiosos da ignorancia dos fazen-
deiros piauienses.

Todos os annos, em Janeiro e Junho,
de todas as cidades e villas da extrema
occidental do Ceará, saem muitos ne-
gociantes ambulantes, cavalgando ma-
gros burros pacientes, rumo do Piauí,
vagorosamente acompanhados pelos
arrieiros e pelas cargas de fazendas e
miudezas.

Fins de Agosto, Manoel da Ribeira—
o vaqueiro do Mucambo—começava
a impacientar-se com a demora do seu
Felinto, negociante cearense que lhe
vendia todos os annos uma boa porção
de fazendas.

—Já custa... dizia elle olhando para
a estrada que se alongava branca e
scintillante pela campina a fora...

E impacientava-se, pondo a mão aos
olhos em forma de concha como para dar
a vista maior intensidade.

—Sempre elle está aqui no começo
desto mez, e desta vez... Que tinha no
bahu um diuheiro, mas para comprar
na Piracurica?... Era tão caro!

E debruçava-se sobre o peitoril, fu-
mando num cachimbo de barro com
cabo de madeira, todo sarapintado de
preto e encarnado, ligado á cabeça por
um fio de retruz preto.

O fono emudecera-se de novo, subindo vaguamente e a si mesma debruçava-se em fúria: os braços e mãos.

— Fazendo-se de novo se ali, vendo o sol subiu auster-se ao parir. enquanto o Manuel tapado na porteira do curral abria-se tristemente numa tunda nostálgica chamada as pachorrentas vacas silenciosas, que vinham uma atrás outra pacientemente, recolhendo-se ao curral.

D. Maria Antonia guiava um bando de pombos brancos, segurando a saia nos quadris e empantando a caminhada com um ritmo de marulheiro.

Uma cigarrilha cantava a longe, lá para o lado do sertão, uma melancólica música, que enervava toda a natureza num desconcerto infinito.

Uma hora mais tarde, a Gonçala fazia as delicias do sertão, contando a história *Casinha encantada*.

O luar tinha scintilações de ouro, calando os azeites brancos, e fazendo com os galhos dos coqueiros silhuetas bizarras.

— Já custa o seu Felinto, repetia o vaqueiro. E Setembro está na porta; a festa de S. Gonçalo e no dia 10, penúltima.

— A *princesa* Brindança foi e disse ao *príncipe*: pegue este anelão e quando você se vir em apertos diga: — *princeza Brindança me salva*, contava a Gonçala corcamente no auditorio, naquela noite augmentado com a presença da comadre Jozinha do Niquilão.

— Muitas alvitreias, homem, gritou D. Maria Antonia olhando, para a estrada, onde um cavalleiro apparecia. Manuel da Ribeira deu um pulo da rede de tucum.

— *Viri noite, amigos!*

— *Vinici! bôa noite, patrão.*

— Da *incerta* para para me apelar?

— *Vinici! se apela, patrão.*

E o vaqueiro segurava as redas do cavallo, por um movimento involuntário, quasi machucado.

O viajante apressa-se.

Tinha um *casaco* de brim por do lado, cadêra de plapé amarello, e um chapéo molle de bexa, que elle arregaçava num dos bolsos.

Manoel da Ribeira estava desconfiado: pois elle que estava esperando o seu Felinto.

Não tinha-lhe uma esperança: o cavallo era o *padreinho* do seu Felinto, não elle podia aparecer.

E mesmo cortez, dava ao viajante que fosse se abançando, sem cerimonia, que elle ia tirar os nervos do poder.

O recém-chegado fazia esforços desesperados para tirar fumaça de um cachimbo de madeira com tampa de latão, que despertava a inveja da Gonçala do tio Anjo.

Rememorando muito e subindo do collo de D. Maria Antonia, que lhe quistava calmaria, o Manoel resignava-se a se peir o *pedre* do viajante, mudando no dia os hospedes importantes, os *carreiros*, e benze-las de todo para *allegar* a *resposta* e a *alma* do velho *Leandro*, que andava apertado. Pois a si a Gonçala tinha-o visto.

— *Vinici! mal paguista, patrão, d'calça chata?* perguntou muito polidamente o *vaqueiro*, referendo aos *calos*.

callosas o chapéo de couro em signal de cortezia e dirigindo-se ao viajante.

— Sim, senhor, seu Manoel, e sou filho do ulleres Felinto Marques da villa de S. Pedro.

— Ah! ah! Eu logo vi, continuava alegremente o homem, olhando para a mulher; a cara de um e o locinho do outro. E seu Felinto, *príncipe* que não veio? acabou elle seriamente.

— Complicações de negocios inhibiram-n'o da vir este anno. Eu vim por elle, fez o *moço* arrebitando os beijos e deixando os *an* *inhire* com um sibillo forte e encommo.

Manoel da Ribeira arregalava muito os olhos, como para tomar o alcance das palavras *complicaciones* e *inhibiram-n'o*, e mostrava evidente signal de mau estar e de desasosiego.

D. Maria Antonia na cosinha ia assando um pedaço de carne secca do sertão, cujo cheiro forte e agradável irritava a pituitaria do *moço* viajante.

O fazendeiro mostrava-se contente e esfregava as mãos, levantando-se de quando em quando e prevendo a minima contrariedade que ao filho de seu rilinto podesse fazer qualquer desarranjo dos moéis.

A filha do fazendeiro e a Gonçala, muito recatadamente, espiavam o *moço* pelas aberturas da porta de esteira de palha, e diziam bisbuhoteiras acerca da belleza do viajante.

— Parece até ser um *moço* fidalgo corrente de ouro e cachimbo de cruz com tampa doirada! Não é possível que elle não seja rico!

— Si elle fosse a festa de S. Gonçalo!

— Pede ao tio Manoel para elle convidal-o. Pede que é para tu dançares com elle.

Fôra tiniam prontos e colheres.

Breve, com essa prestezia admiravel com que no sertão se prepara uma refeição, o joven viajante mistava a lume diante de uma toalha alvissima distendida numa esteira de carapuba no chão e sobre a qual a mulher do vaqueiro tinha posto tres pratos, um com o pedaço de carne assada, muito gorda, outro com fatias de queijo fresco e outro limpo, tendo ao lado um velho talher gasto.

A firinha, alva e gommiosa, estava derramada em monticul a pela toalha.

Manoel da Ribeira, mãos cruzadas sobre o peito amplo e robusto, choreographicamente firme, na expectativa, esperava que o *patrão* mostrasse desejo de qualquer coisa para servil-o com aquella proverbial franqueza, que elle conservava como uma herança sagrada.

— É vossa mercê... como é a graça de vossa mercê, inqueria abruptamente o vaqueiro, elevando ja o tratamento do *moço*.

— Candido Marques de Oliveira, um seu criado.

O vaqueiro abanava a cabeça em signal de intelligencia.

—

Findou a ceia.

Na sala e amarrada a um chifre de boi ligado a parede, uma rédo alva, de varandas de renda e desenhos vermelhos, cheirando muito a cedro, esperava o seu Candinho, que rapidamente ganhava a sympathia do vaqueiro.

Seriam dez horas quando, depois de

iguito polidamente dar bôa noite ao hospede, Manoel da Ribeira recolheu-se.

De repente, o diapasão forte de uma voz mal educada rompeu o silencio daquelle placida noite *epitaphica*?

— Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é com vós.

Aqui a voz diminuiu e tornava-se quasi inaudível.

Um côro de vozes femininas respondia a Santa Maria, com aquella *meiga* expressão de voz, que se extinguiu lentamente num impossível *silabete* canção.

Era o terço.

Na silenciosa paz serena daquelle magnifica noite morna, apenas ouvisse o balar saudoso das ovelhas no terreiro varrido e prateado de luar.

Meia hora depois, tudo dormia numa beatifica paz de monasterio.

ARTHUR THEOPHILU

CARTA

(INEDITO)

A quem partio

Não sabes, filha, não sabes

A quanto desejo cor-te.

Tenho tanto que dizer-te...

Nem sei por onde comece.

Se visses como fenece

Meo prazer e se estiola

A' falta da doce camôla

De um beijo teu, de um carinho;

Se visses como o ninho

Que eu construi tão mimoso,

Feito das rosas do Gozo

Entrelaçados de Sonhos;

Se visses como tristonhos

Os passarinhos ficaram,

Tão tristes que não cantavam

Depois que te foste embora;

Se visses como anda agora

Adoecendo-te inquieto,

Recordando em cada objecto

Meo olhar incerto e ego;

Tu que trazes, como eu trago,

Tantas lembranças e carias,

Tão longe assim não ficares

Podendo ficar tão perto.

Tu não calculas de certo

A falta que estás fazendo

A's flores que não morrendo

A' mingua de teus cuidados.

Os passarinhos, coitados!

Vagueiam pelo oratório

A perguntar-me em segredo

O dia de tua volta,

E eu sinto que se recolta

Minha alma que ando ignora

Responde, pois, sem demora

Para eu dar-lhes a resposta.

Recife.

MIGUEL BARROS.

O Amor

*Tudo no mundo o aclama e eu não o aclamo!
Ele enche o mundo inteiro e eu não o vejo!
Com louca ardor sempre o procuro e chamo,
De ser escravo seu buscando o ensejo.*

*A jovenzuela balbucia: «Eu amo»
Sorridente, e corada, o labio em beijo:
O bardo, como o rosal no ramo,
Canta: «Eu morro de amor e de desejo»*

*Dizem todos que és tu um Deus amigo
Que da vida sustem o eterno facho,
Amor! e eu conheci-te não consigo.*

*Ouve! si és Deus, meu clamor incessante,
Vem! eu quero morrer feliz debaixo
Das rodas de ouro do teu carro orante!*

Maio—95.

L. GONÇALVES BRUNO.

A infancia outr'ora e hoje

III

(conclusão)

Um nome que assignala um marco luminoso na historia dos sentimentos humanitarios, e que não pode ser esquecido quando se trata da protecção a infancia, é o de S. Vicente de Paulo. Para mostrar a extensão dos seus serviços, basta lembrar que antes delle milhares e milhares de infantes sôres, victimas da corrupção, já desgraçados antes de nascer, por não terem nome nem carinhos maternos, eram atirados annualmente a mais negra miseria, sorte peor sem duvida do que ser immolado ao nascer.

A protecção aos enfeitados, obra do grande bemfeitor da humanidade, foi um grande progresso na condição da creança.

E', porém, do principio do nosso seculo que mais se tem accentuado o grande augmento de interesse pelos pequenos, decuplicando-se pelo menos a intensidade dos sentimentos affectivos, que longe do se conservar latentes e até dissimulados, para só explodir em circumstancias excepcionaes, se manifestam a todo instante com uma vehemencia que hoje toca ao exagero.

Em qualquer documento litterario ou mesmo de caracter official ou intimo, datando dos seculos passados, não qual haja referencia ás relações de familia, se não a hoje a severa austeridade dos paes, o extremo cerimoniaes respeito dos filhos, contrastando enormemente com os costumes de nossos dias. Comparando pelo testemunho dos escriptores de entao, a linguagem usada nas relações de familia, vê-se que os nossos habitos a tal respeito são quasi diametralmente oppostos ainda aos do fim do seculo passado e principios deste. Nas sociedades civilizadas os filhos, mesmo adultos, têm passado pouco a pouco da condição de subalternos e subordinados, obrigados a um rigoroso respeito para com os progenitores e parentes idosos, a de verdadeiros amigos intimos, a de dignos do maior carinho, quando não

são mesmo objecto de uma verdadeira idolatria.

Data igualmente da primeira metade deste seculo a criação de uma litteratura exclusivamente infantil que já vai contando as obras por muitas centenas em cada uma das grandes nações europeas, e que occupa uma pleiade numerosa de escriptores e escriptoras de grande merecimento.

Andersen, o grande Andersen, o delizioso e genial auctor dos incomparaveis contos para a infancia, Grimm, o conego Schmid, deram o primeiro impulso a este novo ramo de litteratura e têm tido numerosos discipulos e imitadores.

Ainda mais: além dessa litteratura destinada a infancia, vai se vendo na grande litteratura desenvolver-se e accentuar-se uma verdadeira influencia do mundo infantil levando a idealisação das creanças.

Quando mesmo se contestar o merecimento e a importancia litteraria de Victor Hugo, uma gloria lie ha de ficar sempre—a de ter sido o cantor da infancia, de ter achado os mais dores e mais affectuosos accentos para cantar as graças pueris e glorificar os mimos e as dores dos pequenos sôres.

Depois de Victor Hugo pullulam os cantores do mundo infantil.

E hoje em dia pode se dizer que a creança reina nas preocupações dos moralistas e hygienistas, na litteratura e no lar. Sómente se pode notar que a reacção contra as austeridades de outr'ora, nas relações de familia, ameaça algumas vezes já de levar, como todas as reacções, ao extremo opposto.

E vós, lorna e meiga ninhada, que me rodeaes, traversa e despreocupada, a banca onde escrevo estas linhas suggeridas por vós, possaes vós alargar um tempo, em que a pobre humanidade, mais livre das misérias que a opprimem e lie absorve a actividade, melhor se applique a mais nobre das missões humanas—prover ao bem estar e à felicidade das futuras gerações.

Fortaleza—1895.

JOSE CARLOS JUNIOR.

PEER PAARS--STAVANGER

Não sei nem faço empenho em saber si todos são como eu, mas tenho comigo isto, que, seja mania ou doença, não acho jeito a lie dar. E' que as vezes uma coisa estranha, um paiz remoto, um facto qualquer se representa ao meu espirito com um aspecto, que pode muito bem ser falso, mas que eu teimo involuntariamente em conservar a despeito de toda a evidencia. Creio mesmo que nos doidos essa anomalia psychica é frequente; e com este triste consolo hei de me accommodar, queira ou não queira.

Stavanger é uma pequena cidade da Noruega, que eu nunca vi, nem pintada.

Não digo bem, pois pintada eu a tenho sempre na imaginação, não como a realidade ella é, mas como a fez a minha desordenada phantasia. E é quasi escusado dizer que a Stavanger da minha phantasia é uma dessas visões rissonhas e cantantes que não toleram macula. E tal é o meu apego a essa imagem ideal, que não sou capaz de ler uma narrativa de viagem a Noruega, e nos meus livros de geographia todas as folhas em que se trata desse paiz, estão cortadas ou grudadas. Tenho um medo invencível de saber que Stavanger é uma cidade feia, triste, friorenta, imunda, e que os seus habitantes cheiram a azeite de peixe e alcatrão. Tudo isto pode bem ser verdade mas acredito mesmo que a Stavanger da minha phantasia resistiria ás descrições de todos os viajantes pessimistas que tenham percorrido os Fiords em demanda do sol da meia-noite.

E aqui vou dar a razão disto.

Eu era estudante de preparatorios, isto é: estava na idade em que um rapaz se agarra ao mais insignificante pretexto para julgar-se loucamente enamorado, e phantasiar os mais extraordinarios romances, quando, em uma das longas e solitarias ruas da minha cidade natal, encontrei uma tarde um grupo de estrangeiros, que debalde procuravam se fazer entender dos raros transeuntes para obter informações relativas aos edificios que viam.

Eram um homem de cerca de cincoenta annos, alto, de olhos azues e abundante barba loura, vestido em amplo casacão de grosso panno de quadros, e duas meninas de desotto a vinte annos, que em vão experimentavam o inglez e o francez sem obter resultado satisfatorio, quando me aproximei, dando-lhes, no melhor francez de que fui capaz, as explicações que pediam, e em vista da alegria que elles mostraram, constitui-me cicerone por todo o resto da tarde e parte da noite—tempo sufficiente para que vissem toda a cidade e se extiassem ante o luar deslumbrante ao passo que eu me extasiava ante a belleza, a ingenua amabilidade e encantadora graça das duas meninas.

Soube então que era capitão de um navio norueguez, chegado na vesperta, e que, trazendo a bordo a familia, procurava distrahir a dos interminaveis dias da travessia, e nada me podia ser

mais agradável do que o convite que me foi feito para visitar os a bordo.

Toda a noite me obseou a imagem das gentes scandinavas; decidi-me a ir logo no outro dia velas. O capitão me havia dito o nome do seu navio, mas desse nome eu só percebera que tinha duas syllabas e ambas começavam por—p—. Era bastante.

Na tarde seguinte facilmente distinguí entre os navios ancorados uma grande barca elegante e acciada, em cuja popa se lia PEER PAARS. — STAVANGER.

Eu sabia muito de oitava que Peer Paars é o título de um poema dinamarquez de Holborg, e de Stavanger sabia... tanto quanto sei hoje.

Fiquei encantado com a recepção que me fizeram e com o que vi a bordo da embarcação. Havia um quê de patriarcal na vida daquella familia, em todos os rostos se manifestava a bondade e a satisfação. A esposa do capitão parecia ser uma creatura de uma calma inextinguível. Nunca eu soube que especie de bordado ella fazia com uns fios de lã e uns ponteiros. Sempre sentada, fallava pouco e brandamente, mesmo quando empregava a lingua de seu paiz. No entanto, mesmo sem fallar, o seu rosto e o seu olhar tinham uma tal expressão de bondosa complacencia que tornavam a palestra muito mais cordial e expansiva do que soem fazer as pessoas muito loquazes. Desde então acostumei-me a ser expansivo com os que fallam pouco e reservado com os que fallam muito. As duas meninas, como é natural, concentravam a minha attenção. A mais celta, Christina, alta, esbelta, as feições regulares e ar sério, muita compostura nos modos, exprimindo-se em francez facilmente mas sem vivacidade, estava sempre a reprehender com muita mansidão a irmã, a qual, com uma garrulice toda infantil, não podia esconder a alegria que experimentava por achar uma pessoa extranha ao navio, com a qual tagarelasse, maltratando, exactamente como eu, a formosa lingua de Hugo. Chamavam-na Ulla e ainda não sei si era o seu nome ou aellido intimo.

Havia ainda a bordo uma personagem que fazia excepção á amabilidade geral: era o official que exercia as funções de immediato capitão; dava pelo nome de Ingebold, e os marinheiros chamavam-no Herr Pilot. Alto, vermelho, sério, monossyllabico, raras vezes entrava em nossas palestras; andava do ordinario li pela prua, onde uma voz por outra um olhar de Christina ia procurar-o entre as cordagens. Custei a convencer-me de que elle não era inglez.

Em poucos dias já eu molinha habituado a frequentar aquella gente e achava um prazer inenarravel naquella sociedade. tão nova para mim, de uma familia de costumes puros e austeros, que levava através dos mares, nos mais estranhos climas e paizes, o doce e conhecido do lar, arrastando os innumeros perigos do oceano e a solidão monotona das grandes travessias.

Os vinte dias que a barca se demorou no porto, em quanto substitua por um carregamento de algodão o lastro de pedras que trouxera, devo contar-os

entre mais os deliciosos de minha vida.

Ora fazíamos passeios pela cidade e arredores, ora excursionamos em escater pelo rio, ora palestrávamos a bordo, onde uma vez por outra nos fazia companhia um velho israelita alsaciano, consignatario da barca, e a quem também eu fora consignado para todos os assumptos pecuniarios por meu paiz residente no interior.

Um dia fallou-se do nome do navio e da cidade a cujo porto pertencia; patria do capitão e de toda a familia. Ulla fallou-me da sua terra natal com um campanarismo tão ingenuo, com um enthusiasmo tão do coração, que coaguei a dizer-me:

—Stavanger é uma das cidades mais bonitas do mundo.

Era necessaria uma grande somma de boa vontade para concordar com tão exagerado patriotismo; eu porém concordei sem hesitar, e de tão boa vontade que ainda hoje concordo.

Christina reprehendeu-a risonha com uma palavra inintelligivel para mim mas que os seus olhos traduziam perfeitamente.

Como se fallasse do nome do navio, Ulla foi buscar na pequena bibliotheca de bordo o poema de Holborg, que todo bom dinamarquez ou norueguês tem obrigação de considerar uma obra prima, e leu-me algumas passagens na lingua original.

Era uma coisa deliciosa, musical, cheia de suavidade, encantadora. Eu não entendia uma palavra porém nunca mais me atrevia a ler o Peer Paars, inda mesmo que o pudesse comprehender, porque estou certo de que o poema perderia dos terços da sua belleza desal que não fosse lido por Ulla. Atravez dos seus labios, o doce idioma dinamarquezes tinha uma suavidade angelica.

O poema Peer Paars... não lhe sei bem o assumpto, mas sustinerei sempre que é bellissimo.

Chegoz porém o fim daquellas deliciosas reuniões. Prompto o carregamento, a barca ia partir. Para a gente de bordo não podia deixar de ser uma alegria regressar aos seus climas, volver ao Norte da Europa, rever o paiz natal; ou fosse porém que a saudade que eu sentia, me impedisse de ver a alegria dos outros, ou fosse mesmo que as idéas de separação e despedida encerram tamanha tristeza em si a ponto de toldar qual-quer alegria, o certo é que no dia da partida eu estava triste e pareria-me que em tudo se reflectia a minha tristeza.

Já o Peer Paars se afastava do caes; as velastinhas se desferriadas e batiam sacudidas pelo vento, com um ruido monotonico e irritante, formando grandes seios a cada lado dos mastros; na rangueja da mezena fluctuava o pavilhão, mostrando tremula a grande cruz azul de orlas brancas sobre campo vermelho. A marinagem trabalhava silenciosa, obedecendo as breves ordens de Ingebold assistido pelo pratico do rio.

Despedimo-nos, com a certeza de nunca mais nos vermos; eu não disse palavra; Ulla demorou um pouco mais que os outros o seu aperto de mão.

Atrei-me no hote q; me esperava e poralgum tempo nada vi.

Quando tornei a olhar de terra para o Peer Paars já elle singrava rio abaixo. O pavilhão desceu tres vezes ao convex, como um lenço que se agita em despedida. As vergas se affastavam entesando os pannos. O sol acabava de esconder-se, e a noite se alargava triste, ... triste...

Eis o motivo porque eu amo tanto o poema Peer Paars, que nunca li, e a cidade de Stavanger, que nem sei bem onde fica.

BRUNO JACY.

1879.

FELIZ

(AO SABINO BAPTISTA)

Longe, lá nos invios sertões incultos, onde não chegaram as exigencias da moda e as ingenuas camponezas vestem-se com encantadora singeleza, deixando perceber-se, atravez dos rendados vestidos, a correcção plastica dos bellos corpos, vive Affonsina, linda creatura de faces roseas.

Depois de ter gosado na cidade uma vida agitada, cheias de aventuras galantes e envolta numa atmosfera de inebriantes perfumes, ouvindo phrases quantos que traduziam loucas paixões, ella recolheu-se voluntariamente a confortavel vivenda de seus antepassados, e lá como num palacio encantados, vive na suave quietude das enclausuradas.

Esqueceu a cidade, os rumores das festas a que assistiu, e hoje dilicia-se em contemplar as alegres campinas illuminadas pelos raios loiros do sol.

A' noite, quando a lua desdobra seu branco véo, ella vae contar as creanças que a cercam historias interessantes de princezas encantadas que em noites tenebrosas fugiram para pairagens ignotas.

Depois que as creanças adormecem ella recolhe-se aos aposentos que lhe destinaram, e no silencio da noite erma, antes de conciliar o somno, lê os poetas de sua predilecção.

E assim leva a vida, longe do mundo, feliz, satisfeita, ouvindo os rumores das cascatas e os ternos gorgiejos dos passaros pousados nas arvores vicejantes que ensombram a confortavel vivenda de seus antepassados.

Abril.—95.

FRIVOLINO CATAVENTO

Lenda

(Inédito)

...E o velho grego, de cabellos brancos, cachimbando, tirando grandes fumagens, falou, numa voz tremula de homem do outro lado.

—E' uma lenda esta, meus amigos, que vem de tempo prehistorico. Quando nasci, e' isso vai para uns oitenta annos, minha mãe parava-me este conto antigo, sabido em terras da Grecia. Lá, na bella patria, os filhos ouviam das mães, sempre, sempre, a historia popularizada da dama grega... todos nós, attentos, olhavam o estrangeiro. Elle dizia-nos continuamente magnificas lendas do seu paiz, contadas numa voz nua e endoravel. A's vezes, dos seus olhos rolavam lagrimas ao desenvolver casos patricos, boiando nelles saudade infinda e amarga... Deliciava a sua linguagem simples e tocante, colorida em algumas occasiões. E quando falava, nós todos, commovidos, attentavamos naquella homem infeliz, duma erudição vasta, que vivia desconhecido, só respeitado e estimado por aquelle pequeno grupo de moços...

E o velho, crusando as pernas, continuou:

—Contam que uma dama grega, meus filhos, rica e bella, duma educação rara, adorada por todos e desejada por innumerados, um dia, em seu palacio, recebeu a visita de uma amiga predilecta, acompanhada da familia toda. A outra dama, pobre, sem luxo e grandezas, ouvia, calma e risonha, a conversa daquelle que desbaratava a vida em festejos e prazeres... E ella, num orgulho satisfeito, revolia agitada e gaves e gavetas, mostrando joias, — joias finissimas, dum valor extraordinario... Desejava talvez despertar a inveja na companheira, desejando ser admirada... E, vaidosamente, ao deitar no braço roliço uma joia lusente, perguntou:

—Como esta é bonita, não é?

—Bonita.

—E esta outra?

—Tambem bonita.

—E esta...

Concluiu depois, demorando a voz:

—Agora, hade tambem deixar-me ver as suas... Ah! o velho parou, como crescentando as nossas vistas. Os seus olhos brilharam, profundos e ternos, numa mudez eloquente. Levantou-se, sem despregar os labios...

Um dos nossos companheiros, impaciente, perguntou:

—E ella?

—E ella, meus amigos, falou por fim o velho grego, foi buscar os filhos, e disse:

—Aqui tem as minhas joias!

RAUL DE AZEVEDO.

Para—1895.

Adeus!

*Eu conto o brilho sem par
Desse teu languido olhar,
Que não esqueço jamais!
Agora dirinos, tão longe!
Meu coração é um Monte
Que cice, triste, a rezar
No seu coração de uís!*

*Quando de noite contemplo
O teu—luminoso templo—
Cheio d'astros a brilhar;
Então mais sinto contado,
Então mais sinto a saudade,
De verinda e teu olhar!*

*Como me lembra: fulgida,
Cheio só de nostalgia...
—Eram saudades do Lar?
Era enleado, te olhava,
Enquanto o mar me fazia
Pelos embalsos do Mar...*

*E tu me olhavas, oh sim!
Dum modo suave, assim
Como se olham os ninos;
Desse santo derameio,
Hoje só resta em mim goio
Triste canteiro de ninos!*

*Adeus! clarão matutino,
Adeus luar mais divino
Que o nosso no mez d'Agosto:
Adeus, feiticero olhar,
Crepusculo gemendo em uís!
Adeus, oh! languido olhar,
Que não esqueço jamais!*

Ceará—94—

LOPES FILHO

Imprensa Litteraria

«O PHAROL»

E' o titulo de um interessante jornalzinho, muito bem impresso e bem elaborado que se publica no Rio, sob a direcção de *Liluzia*.

Recebemos o numero 10 e muito agradecemos a honrosa visita que de bom grado retribuiremos.

«A VERDADE»

Recebemos os dois primeiros n.ºs. dessa pequena revista litteraria que acaba de apparecer na Capital Federal sob a direcção do Sr. *Alvaro Costa*. Faz bem lançados artigos em prosa e verso proporcionando assim leitura variada e agradável.

Agradecendo a visita, de muito bom gosto lhe remettemos o nosso jornal.

CARTEIRA

«OS BRILHANTES»

O nosso estimado consocio Rodolpho Theophilo acaba de contratar com os Srs. Cunha Ferro & C.ª a publicação do seu importante romance *Os Brilhantes*.

ha muito ansiosamente esperado e decurtido em nosso meio litterario.

E' caso para darmos parabens não só aos leitores como as letras cearenses pela aquisição de mais essa joia brotada da penha fecunda do Rodolpho.

O nosso sympathico amigo Manuel Bernardo Vieira Filho, ou o *Nascimento*, como queira o leitor, communicou-nos a realisação do seu casamento com a exm.ª sr.ª d. Anna de Lagos Vieira, dilecta filha do dr. Gonçalo de Lagos Fernandes Bastos.

Escusado é dizer que desejamos ao gentil casal toda a sorte de felicidades.

Os conceituados negociantes desta praça Boris Frères participaram-nos que deram procuração aos srs. Argemiro Quixadá, Jorge Fiuza, Gustavo Job e Sylvain Coblenz, que têm de collaborar e substituir os nas suas ausencias e impedimentos temporarios.

Gratos á fineza.

LEOPOLDO BRIGIDO

Depois de alguns mezes de convivencia entre nós, regressou ao Rio a bordo do *Espirito Santo*, o nosso talentoso confrade Leopoldo Brigido, auctor de uma porção de bellas joias litterarias como o soneto *Filiz*, o conto *Lucia* e diversos outros.

Almejando uma bonançosa viagem ao adoravel rapaz, fazemos votos para que nunca esqueça a *Padaria*, que o estremece verdadeiramente.

ANNIVERSARIO

No dia 6 do corrente completou annos (quantos é o que nós não dizemos) o nosso querido confrade Rodolpho Theophilo. Muitos parentes e amigos e quasi todos os *pudicos* aqui presentes foram cumprimental-o em sua aprazivel vivenda, onde o illustre cavalheiro e sua digna consorte os receberam e obsequiaram com aquella gentileza que lhes é peculiar e que tão bem conhecem os que tem a felicidade de o conhecer de perto.

Não faltou, entre muitos outros attractivos o delicioso vinho de capim que faz o desapontamento de tantos invejosos.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficéis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tónico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculos ou pedras), rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA

GICA. Cura em pouco tempo blenor-rhagias recentes ou chronicas

POS DENTIFRICOS. Alveja e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

30 Rua do Major Facundo 30, Ceará.

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTA ESTADA

Jóias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. Relógios de ouro, de prata e nickel, para algaribeira, inglezes, americanos, suíços, etc., etc. Relógios para paredes e barba, de todos os preços. Lunetas superiores de vidro e graduada (branca e de cores). Bijoux para presentes: o mais chic e variado que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

João de Deus & Co

RUA DO MAIOR FACUNDO 79

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, realçado sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado stock de tudo quanto a industria europeia tem inventado de elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, RUA MAJOR FACUNDO 54.

ESTAMINET UROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO

Manoel Pereira dos Santos.

108 B — Rua Formosa — 108 B

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO

JOSÉ ELOY DA COSTA

 Approvados pela Inspectoria de Hygiene

Pilulas contra vermes

Para expellir completamente os vermes intestinaes ou lombrigas das crianças e adultos em poucos dias. As unicas de effeito seguro e rapido. Já são purgativas, dispensando assim qualquer purgante. AS PILULAS CONTRA VERMES pelo seu gosto, pela sua formula impõe-se especialmente na medicação das crianças.

Pilulas estomacae purgativas.—São de grande efficacia nas Dores de estomago, Dyspepsias, Gastrites, Falta de Appetite, Gastralgias, Nauzeas, Dores de cabeça, Prisões de ventre, Indigestões, etc.

Essencia de salsa parrilha.—E' o purificador mais ENERGETICO DO CEARÁ. Cura radicalmente as molestias provenientes da fraqueza, impureza e falta de nutrição do sangue—Syphilis, Rheumatismo syphilitico, Boubas, Ulceras venereas, Dartros, Impigem, Sarnaas, Gomas, Cancros, etc., etc.

Mistura anti-blenorrhagica ou Injecção Menes.—Cura rapidamente blenorrhagias recentes ou chronicas.—CURA CERTA EM 3 DIAS.

Goltas odontalgicas.—Preparação composta de diversas substancias balsamicas, produzindo instantaneamente a cura das mais fortes dores de dentes.

Pós para dentes.—Além de agradaveis, promettem pelo seu uso continuado um completo asseio da bocca e dos dentes, conservando a estes a sua coloração natural, trazendo a bocca em constante limpeza, prevenindo as caries dentarias e as molestias.

Xarope depurativo de cascas amargas de laranjas e iodureto de potassio.—Applicado com vantagem contra o Rheumatismo e as diversas affecções syphiliticas.

Elixir anti-syphilitico de cajú.—Especifico contra as molestias de pelle.

Xarope do bromureto de potassio e cascas amargas de laranjas.—Applicado com successo nas molestias do coração, das vias digestivas, da respiração, na epilepsia e nas insomnias das crianças durante o periodo da dentição.

Tinta preta e indelevel para marcar roupa.—Acompanha um vidro mordente para preparar o patino que se quiser marcar.

Vinho de cajú.—já conhecido e acreditado. Não é nocivo a saude e substitue aos vinhos vindos do estrangeiro.

Todos estes medicamentos se achão a venda na Pharmacia Theodorico de **JOSE ELOY DA COSTA**—RUA MAIOR FACUNDO 66—FORTALEZA.

DROGARIA CENTRAL de Guilherme Rocha & C.^a e na cidade do Crato na casa commercial de **POSSIDONIO PARRIO & C.^a**

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico—CONFUCIO—Telephone n. 11

31—Caixa do Correio—31

Confucio Pamplona & C.^a

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uso domestico desde a sala de visitas à cosinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Piano, Fogões, Mobiliias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trêns para cosinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hoteis, cafés, restaurantes, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da —França, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objetos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61—Rua do Major Facundo—59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

Oliveira Rola

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

Typ.—STUDART—Rua Formosa n. 161.